



UNIDADE INDEPENDENTE CLASSISTA E COMBATIVA

Boletim nº 29 - 03/07/2025

NUNES/MDB AVANÇA EM SEU PROJETO PRIVATISTA COM A COLABORAÇÃO DAS BUROCRACIAS SINDICAIS TRAÍDORAS

Após um semestre de lutas e ataques profundos, os trabalhadores da educação da cidade de São Paulo se aproximam do recesso escolar carregando o peso das derrotas acumuladas no último período e com uma enorme insegurança frente ao projeto privatista de Nunes em curso, que prepara mais um golpe a previdência social e aos salários por meio do aumento da contribuição previdenciária. Esse cenário de lutas espalhou-se pelo Brasil durante todo o período letivo e a tendência é não se encerrar, visto que as políticas de precarização e privatização da educação pública são políticas de Estado em nível federal, estadual e municipal, assim como a política nefasta das direções sindicais, completamente submetidas ao governo de frente ampla Lula/Alckmin, tem sido não apenas de contenção das lutas, mas de traição aberta, um exemplo mais recente foi a luta dos professores do DF.

Diante desse cenário, reiteramos que a UICC sempre apontou a necessidade de avançarmos nos métodos de luta. As experiências acumuladas, desde a luta contra a reforma da Previdência (Sampaprev), têm comprovado na prática essa necessidade, demonstrando que a pressão parlamentar não é campo de disputa dos trabalhadores e, portanto, é necessário construir uma greve unitária e radicalizada, o que significa acreditar apenas na força coletiva dos trabalhadores, utilizando os métodos próprios da classe, o enfrentamento direto com os governos de turno através da ação direta (greve ativa com ocupações e bloqueios de grandes vias, piquetes, etc).

A nossa última greve foi a grande expressão da necessidade de se retomar estes métodos. As direções intensificaram estratégias para quebrar a disposição de luta: mantiveram o calendário de outubro/2024, ignorando a aprovação da Lei 18.221/24; manipularam a assembleia de 18/03, impondo paralisações regionais que atendiam às exigências governamentais de não prejudicar o atendimento aos estudantes - uma clara conciliação que restringe o direito de greve; e acabaram por limitar as reivindicações ao envio do PL do reajuste, reduzindo a luta à pressão parlamentar, e convertendo a greve em meras 'paralisações' nos dias de assembleia.

Dentre os 12 dias de efetiva paralisação, em menos da metade foi possível organizar os comandos regionais e visitar as unidades escolares para discutir com os trabalhadores não grevistas sobre o movimento; em todos os outros dias estivemos em

“vigília” e/ou caminhando pelo centro em passeatas, que de forma alguma fechavam as vias mais importantes de circulação. Ainda assim, nesses poucos momentos, foi possível identificar como o trabalho independente da base através dos comandos regionais é efetivo em organizar a luta a partir dos locais de trabalho, APESAR DA ATUAÇÃO DESMOBILIZADORA DA BUROCRACIA.

A nossa luta NÃO SE ENCERROU. O afastamento dos diretores que se sucedeu ao fim da greve, o ataque aos grevistas que foram punidos com o apontamento de faltas e o corte do salário (sem nenhuma organização de fundo de greve pela direção sindical) e o aumento do assédio aos professores nas escolas em busca do aumento dos índices medidos pelas avaliações externas, expressam a necessidade de nos reorganizarmos de forma independente e combativa, superando o desvio parlamentar como forma de luta, assim como a burocracia traidora e os grupos de ‘oposição’ reformistas e centristas que compõem a direção e atuam como um freio da nossa luta, isso quando não atuam abertamente como braços dos patrões dentre nossas fileiras.

ABAIXO À BUROCRACIA DO SINPEEM! PELA RECUPERAÇÃO DO NOSSO INSTRUMENTO DE LUTA PARA OS TRABALHADORES!

VIVA A RESISTÊNCIA DO Povo PALESTINO!

IMPOR A RUPTURA DE TODOS OS ACORDOS E RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ISRAEL COM A LUTA DE CLASSES!

O mesmo contexto de crise do capital que motiva o avanço da privatização sobre a educação pública no Brasil, acelera as tendências bélicas no mundo todo e se expressam hoje, abertamente, no Oriente Médio, aumentando os conflitos na região, e potencializando o genocídio do povo palestino em Gaza, em uma escalada da política colonial do imperialismo, representado pelo enclave israelense. A luta contra o genocídio deve ser internacionalista e deve ser baseada nas nossas estruturas de classe. Para romper relações com o enclave imperialista, precisamos parar a produção e interromper a circulação de todas as mercadorias que movimentam a guerra imperialista. Portanto os sindicatos, mesmo não ligados diretamente à produção, devem se envolver nessa luta. Não a distância, não só virtualmente, mas apoiando e estando presente nos atos, levando os debates às centrais para que a classe operária paralise a produção e o transporte de grãos, aço e petróleo que alimentam a máquina assassina sionista. Que o SINPEEM atue DE FATO na luta contra o genocídio palestino!

UNIDADE INDEPENDENTE, CLASSISTA E COMBATIVA



INDEPENDENTES